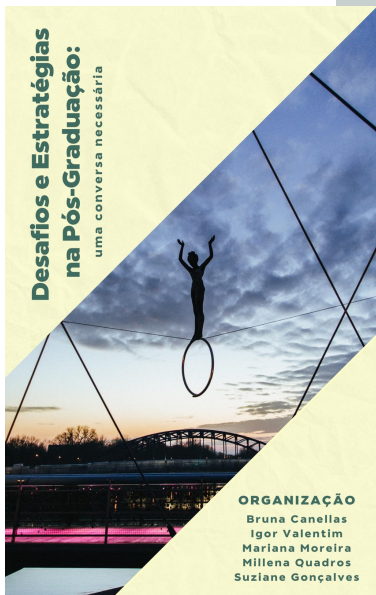


---

## Relato de uma experiência de (trans)formação e (re)existência

LARISSA DA SILVA CONCEIÇÃO

---



é um capítulo de

Para citar este capítulo:  
Conceição, Larissa da Silva. Relato de  
uma experiência de (trans)formação e  
(re)existência. In: Canellas, Bruna Garcia  
da Cruz et al (Orgs.). Desafios e  
Estratégias na Pós-Graduação: uma  
conversa necessária. Rio de Janeiro:  
Compassos Coletivos, 2022, p. 47-57.

DOI deste capítulo:  
<https://doi.org/10.5281/zenodo.6841915>

**Ano de lançamento: 2022**

**Idioma: Português**

**Páginas: 108**

**ISBN 978-65-991339-7-8 (impressa)**

**Disponível em versão impressa e e-book**

**Mais informações sobre o livro**

**<https://doi.org/10.5281/zenodo.6827623>**



# 4

## **Relato de uma experiência de (trans)formação e (re)existência**

**Larissa da Silva Conceição**

### **Subjetivação: um estranhamento de si**

Começo essa escrita me sentindo mal do estômago e o computador travando, como se fosse uma reivindicação por trabalhar sem parar desde o início do dia, por longos dias a fio, afinal já é bem tarde. Estranho que meu mal-estar me assolava, também, desde o início do dia, mas só consegui percebê-lo com mais força agora. Enquanto eu tomava banho, antes de começar a escrever pensava sobre meu processo (trans)formativo<sup>1</sup>. Sobre como compartilhar essa experiência tão singular.

Desejo com essas palavras poder trazer a dimensão de uma experiência que entrelaça o meu trajeto pela educação formal - o ensino superior público - e os agenciamentos micropolíticos que aconteceram, compondo redes, para que esse trajeto fosse concluído. O conceito de agenciamento proposto aqui presentifica a subjetividade como questão (BARROS, 1993). Ou seja, o que gira em torno desta experiência, sendo este texto apenas fragmento de expressão.

É preciso situar que apresento uma existência singular, a minha,

essa que é imanente ao registro sociopolítico. Neste trajeto caminharemos em território movediço e disperso, que está sempre em vias de tornar-se outra coisa. Propomos para essa compreensão, portanto, o conceito de subjetividade como processo de produção, contingencial e imanente.

Propomos, presentificamos e afirmamos a heterogênesse da subjetividade, como uma produção que se constitui no trânsito ininterrupto entre a exterioridade e a interioridade. Movimento que acontece necessariamente em relação, consigo e com as coisas que nos cercam. Sujeitos, nós, que nos constituímos na experiência, numa dinâmica constante de tornarmo-nos outros a cada encontro. Para Canguilhem (2009), trata-se do jogo em que a vida está inserida contra a imprevisibilidade crescente, contra a indeterminação constante, contra a instabilidade. Tudo que, enfim, nega a onipotência da razão.

Traçamos nossa errância pelo território do paradoxo, pelo modo de considerar os problemas sem resolução direta e imediata. Posicionando-nos na contramão de uma epistemologia que separa sujeito e objeto. Propomos, dentro dessa lógica, um conhecimento que retorna, como uma dobra. É o paradoxo que possibilita a emergência do próprio sujeito como alvo e efeito das relações de poder, como irá nos mostrar Foucault (2019).

A subjetividade se produz num plano de consistência, que diz menos sobre essências e mais sobre relação de forças: jogos, tensionamentos, disputas - agonística<sup>2</sup>. É um processo que não acontece sem que seja tecido um nó de relações, agregando agenciamentos enunciativos diversos. Entrelaçando macro e micropolítica ao prisma da subjetividade (GALLO, 2017).

A dificuldade de expressar sobre os desafios pessoais que enfrentei durante essa (trans)formação diz do meu estranhamento comigo mesma nessa caminhada, que também expressa um processo de subjetivação. Acomete-me em forma de questionamento, ainda hoje: será que me perdi nesse trajeto? Ou me perder foi o preciso para poder me encontrar? O estranhamento é um modo significativo de transitar pela lógica do paradoxo. Território complexo onde a multiplicidade - agitação, entropia, caos - habita (CANGUILHEM, 2009).

Hoje percebo que passar pela Academia - esse lugar repleto de relações de poderes assimétricas e instituídas - com meu corpo, que não

passa despercebido, foi mais do que receber uma certificação externa, por meio de ritual examinatório. Foi também a composição de um modo de existência que, margeando transversalmente o espaço, apostou em linhas de fuga, como projeto de emancipação (ROLNIK, 2011). Experimentando a liberdade como prática cotidiana em constante movimento. Minha constituição subjetiva abraça, portanto, o cuidado de si.

## **Descaminhos: Academia, um não lugar?**

No momento do meu perdido encontro questionava-me: como dizer do processo de escrever uma dissertação que teve o planejamento completamente atropelado pelas medidas de isolamento oriundas da pandemia de COVID-19 que acabava de se estabelecer? Exatamente no momento em que planejava meu trabalho de campo. Pensava: como falar sobre isso de forma amena? Afinal, essa parece ser a exigência da suposta neutralidade intelectual disciplinada ao método científico experimental que, supostamente, retira o afeto do pesquisador da relação com a pesquisa (DESPRET, 2011; LATOUR, 2004). E talvez estivesse aí a fonte do mal-estar que meu corpo denunciava.

Como falar sobre o impacto de escrever, cuidar da casa, comida e de uma criança - como mãe solo - em tempo integral, de forma amena e/ou imparcial? Como tornar um eufemismo as escolas fechadas, a desordem que pairava como imensa cortina de fumaça se alastrando junto à angústia de não saber a respeito do que se passaria - e ainda se passa<sup>3</sup> - durante esses períodos sombrios?

Períodos sombrios!! Escurecidos pela calamidade pública, alargada pelo desgoverno, resultando morte, fome, desamparo, desemprego... Enfim, desespero! Períodos que se acentuam pelo terror da política autoritária maquiada de democracia que rege o país. Ações que, legitimadas pelos atos do governo, ao negar certas existências, zombam dos números alarmantes de mortes que aumentam a cada dia. Como escrever de forma amena? Como não se afetar?

Ao longo desses questionamentos ressoavam memórias, palavras, frases e imagens. Acometia-me a lembrança da passagem pela qualificação, logo nos primeiros momentos e mais nebulosos do estabelecimento das

medidas de isolamento. Junto a essa lembrança uma pergunta: você quer desistir? Vinda da minha orientadora. Lembranças duras, sentidas na forma de tensão e dúvida: será que este lugar - a Academia, o mestrado, o ensino superior público - é para mim? Dúvida essa que reverberou muitas vezes ao longo da escrita do trabalho.

Invadiu-me, repentinamente, a lembrança de quando terminei o ensino médio, e chorando no colo da minha mãe, indagava se conseguiria entrar para faculdade. Lembrei-me de quantas vezes já tentei explicar para o meu pai o que significava o mestrado na graduação formativa. É difícil explicar, afinal trata-se de uma experiência inédita em nossa família operária. Lembrei-me das cenas de violência cotidianas que vivenciamos quando ocupamos lugares onde não nos esperavam estar, tal como nos mostra Kilomba (2019).

O que é ser uma mulher negra e periférica na Academia? Sim, afirmei acima que a subjetividade é mais processualidade do que identidade, porém ela se constitui na convergência entre as forças do sujeito e a realidade sociopolítica. Nesse sentido, é preciso, sim, circunscrever este ser em processo - eu - marcado socialmente por esses lugares. Retorno, então, ao questionamento: O que é ser uma mulher negra e periférica na Academia?

A Academia, essa com letra maiúscula, dá medo. Há de convir que, durante séculos foi o lugar por excelência de legitimação do colonialismo e do racismo, pela produção de um regime de verdades próprio. É preciso marcar o quanto essa instituição esteve, historicamente, a serviço da produção de conhecimento hegemônico: branco, patriarcal e eurocêntrico, dando suporte ao colonialismo, portanto, à dominação.

Como afirma Kilomba (2019), a Academia é também um lugar de violência. Serviu à consolidação de discursos para a sujeição de territórios que destoavam do ideal branco, europeu, patriarcal como lógica hegemônica. A academia fez parte de um processo de dominação que foi territorial e também subjetivo, e aqui vemos um exemplo da complexa imbricação entre macro e micropolítica, sob o prisma da subjetividade.

Neste ambiente de educação formal e, portanto, de prescrições normativas, de avaliações, hierarquizações e classificações, há incutido uma trama de poder que envolve a estética, a institucionalidade e a cristalização

de conceitos. Elementos que exercem efeitos significativos na realidade sociopolítica, inclusive pelo posicionamento de quem - ou de como - se é autorizado a dizer deste lugar, seguindo a ritualística que compõe o dispositivo.

Grada Kilomba (2019) vai nos mostrar o quanto esse conhecimento produzido a partir do centro - Europa, cristã, ocidental, heteronormativa, branca - se associa a certas categorias que propõe uma suposta neutralidade sobre o conhecimento que se produz. São elas: a universalidade, a objetividade, a neutralidade, a imparcialidade. Categorias que se estabelecem como norma, à medida que se conservam no centro da produção de verdades.

Nesse sentido, não podemos esquecer que a verdade está imbricada ao poder (FOUCAULT, 2017). Institui-se o método científico experimental como padrão, desqualificando a produção de conhecimento que parte das margens. Ou seja, desses territórios - físicos e subjetivos - que foram subjugados como inferiores. Por consequência desautorizados, quando embutidos nesta lógica de produção de conhecimento.

Assim, Kilomba (2019), Nascimento (2019) e Fanon (2008), dentre outras intelectuais negras e negros, tecem uma importante reflexão sobre, como o mito da objetividade serviu para desqualificar conhecimentos produzidos por negros ao longo da produção epistemológica. Sendo então, essas produções, destituídas de seu caráter científico. A recusa da tese “Pele negras, Máscaras brancas”, de Fanon (2008), exemplifica a relação de poder incutida nesse modo de produzir conhecimento colonizado, o qual Academia se serve.

[...] No racismo, corpos negros são construídos como corpos impróprios, como corpos que estão “fora do lugar” e, por essa razão, corpos que não podem pertencer. Corpos brancos, ao contrário, são corpos constituídos como próprios, são corpos que estão “no lugar”, “em casa”, corpos que sempre pertencem. [...] Através de tais comentários, intelectuais negras/os são convidadas/os persistentemente a retornar a “seus lugares”, “fora” da academia, nas margens, onde seus corpos são vistos como “apropriados” e “em casa”. Tais comentários agressivos são performances frutíferas do poder, controle e intimidação que certamente logram sucesso em silenciar vozes oprimidas (KILOMBA, 2019, p. 56-57).

## **Um perdido encontro: Academia e (Re)existência**

Estou nervosa e suando bastante. Onde na academia existe lugar para falar de um sujeito em particular, esse sujeito: eu!? Em que momento deixamos de ver a nossa formação não tanto pelo que sabemos, mas, também, pelo que vivemos, experienciamos, pelo que nos (trans)formamos nessa caminhada? Em que momento deixamos de lado: afetos, sensações, medos, dores, odores, corpo, gestos, atitudes, encontros etc, em troca de uma certificação? Uma validação externa, prescritiva e normativa de nossa existência que nos orienta a reprodução de modelos prontos?

Pensei em quantas vezes, nesses 9 anos de Universidade Federal Fluminense (UFF), tive que insistir e ficar! Minha experiência de (trans) formação passa, necessariamente, por uma experiência de (re)existência, da necessidade de fazê-la operar no desvio. No desvio que nos tornaram, nas palavras de Fanon (2008). Nesse processo (trans)formativo e existencial que se inicia, ininterruptamente, em 2009 - quando deixei o interior do Espírito Santo e passei a me aventurar pelas capitais e grandes cidades - me adaptar não foi, nunca, uma opção, pois a cor da minha pele e o meu gênero já me colocam fora.

Numa experiência devastadora de outridade, como nos mostra Grada Kilomba (2019). Falar de outridade é, sem dúvida, aprofundar a discussão, porque se considera a diferença que emerge embutida nessas relações instituídas, abarcando as projeções que são feitas pela branquitude em relação à negritude. Projeções produzidas e reproduzidas por enunciados diversos que compõem o imaginário branco, logo, o imaginário hegemônico: a norma (KILOMBA, 2019, p. 38).

Não é sem dor que essa constatação me invade, gradativamente, num tempo em que permito-me afetar, sentir, escutar, perceber e enxergar. Ademais, a minha experiência de edificação de um lugar na Academia, ou seja, o que estou denominando como experiência de (trans)formação, já é, em si, posicionamento de resistência! Lugar para abertura de respiros possíveis, lugar de (re)existência!

Sigo, portanto, afirmando meu posicionamento de (re)existência, como produção subjetiva e micropolítica de composição de um corpo, como estratégia aos desafios que nos são lançados na pós-graduação. Essas estratégias emergem afirmando a corporeidade, os afetos, as trocas

coletivas e os encontros potentes. Afirmando espaços (trans)formativos para além das salas de aulas e a reprodução de conteúdos. Afirmando a força de cada experiência-vida, de onde eclodem afetações que, tomam o corpo tornando-se palavras-texto.

Encaminhando-me ao encerramento desta narraviva<sup>4</sup> desejo afirmar a força da palavra-texto em sua relação intrínseca com a experiência de existir: experiência-vida. Sobre a importância da palavra em nossa constituição subjetiva. Desejo afirmar, a partir do compartilhamento dessa narraviva, a dimensão da (re)existência! Bondía (2002) apresenta a existência humana enquanto palavra, pois elas criam os sentidos. É como nomeamos o que nos acontece, como desvelamos mundos, cosmovisões etc. É dessa forma que elas nos permitem criar mundos, os seres, as coisas e a nós mesmos.

Ao percorrer essa trajetória é possível compreender como a disputa das palavras, ou como certas modulações enunciativas, compõem a realidade sociopolítica e, sobretudo, como compõem nossa subjetividade, isso que somos em relação com os outros. Assim, percebemos o que está envolto nos embates discursivos e epistêmicos: “por isso as lutas pelas palavras, pelo significado e pelo controle das palavras, pela imposição de certas palavras e pelo silenciamento ou desativação de outras palavras são lutas em que se joga algo mais do que simplesmente palavras(…)” (BONDÍA, 2002, p. 21).

Estamos falando de subjetividade, de existência, de agenciamento discursivo, relações de poder, jogos de força, tensionamentos... Grada Kilomba (2019) nos mostra a dimensão política da linguagem na formatação do que seria a “verdadeira condição humana” (p. 14), é preciso, portanto, afirmá-la no processo de descolonização, sobretudo em contraposição ao silenciamento. Será pela palavra a capacidade de tornarmo-nos sujeitos. Falar dessa experiência (trans)formativa é, então, reverberar novos possíveis, possibilitar a criação de novas referências subjetivas (GALLO, 2017), para além dos modelos instituídos. Portanto, (re)existir!



## Respiros possíveis: Cuidado de si, prática de liberdade, estética da existência

Gallo (2017) nos mostra que (re)existir é expandir nosso modo de existência para além da sombra da normalidade homogeneizante. Afirmando o ímpeto à vida à medida que tomamos as rédeas de nosso processo de constituição subjetiva. Ao longo de minha trajetória (trans)formativa, sinto que minhas estratégias foram inspiradas por esse modo de considerar a resistência. Afirmando, sobretudo, a dimensão ética da liberdade pelo do cuidado de si, como estética da existência (FOUCAULT, 2012).

Ao longo dessa errância pelas margens, fiz dos encontros potentes - seja com coletivos, pessoas, professores, textos, filmes, funcionários, lugares, ócios - espaços coletivos de cuidado e trocas. Construindo descaminhos na direção de territórios compartilhados. Lugares de estudos, de trocas, de acolhimento, de presença calorosa. Como o coletivo de mães<sup>5</sup>, por exemplo.

Fui compreendendo aos poucos que era possível abrir brechas, espaços-tempo, ora fugidios ora prolongados, de exercício de liberdade. Fui entendendo os riscos de traçar descaminhos, mas, também, fui compreendendo o tamanho dos meus passos. Encontrei meus possíveis nessa disponibilidade afetiva com os outros. Fiz disso campo de pesquisa e (trans)formação.

Foucault (2004) nos mostra que na Grécia antiga o cuidado de si era uma prática coletiva, que tinha como prerrogativa a dimensão ética da liberdade. Assim, a liberdade só era passível de acontecer no exercício cotidiano, em forma de ações, considerando o espaço relacional - consigo e com os outros.

O cuidado de si, trata da dimensão refletida de uma liberdade que se pratica ao ocupar-se de si, cuidar-se, conhecer-se. A prática refletida da liberdade, por sua vez, está vinculada à estética como edificação da existência. Porque trata do modo de se conduzir e de se relacionar: “o *ethos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos acontecimentos etc. Esta é para eles a forma concreta da liberdade” (FOUCAULT, 2012, p. 270).

A trajetória (trans)formativa que apresentei aqui, ao longo desta narrativa, abarca um traço subjetivo singular: o meu, mas se entrelaça às dimensões coletivas dos agenciamentos que atravessaram este caminho incluindo os traços da realidade sociopolítica a qual estou inserida. A minha estratégia de (re)existência emergiu destes encontros, potencializando e/ou incentivando a criação de outros panoramas subjetivos, por vezes, inéditos. Tais que me possibilitaram abrir caminho para ocupar este território - físico e subjetivo - que, por hora, habito.

Aqui, então, retomo a questão outrora lançada, que por insistência retorna: será que este lugar - à Academia, o mestrado, o ensino superior público - é para mim? E com segurança que me faltava no momento em que a pergunta eclodiu, agora, respondo: sim é!

## Referências

- BARROS, R. Grupo e Produção. **Saúde e Loucura** 4. São Paulo: HUCITEC, 1993, p. 145-154.
- BONDIA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, 2002.
- CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.
- DESPRET, V. Os dispositivos experimentais. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 23, n. 1, p. 43-58, 30 abr, 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/fractal/article/view/4814>. Acesso em: 13 dez 2021.
- FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FOUCAULT, M. A ética do cuidado de si como prática de liberdade. **Ditos e escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 258-280.
- FOUCAULT, M. **A coragem da verdade: O governo de si e dos outros II**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

- GALLO, S. Biopolítica e Subjetividade: Resistência? **Educar em Revista**, Curitiba, n. 66. p. 77-94, out./dez. 2017.
- KILOMBA, G. **Memórias da Plantação**: Episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- LATOUR, B. Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. **Body and society**, v. 10, n. 2/3, 2004, p. 205-229. Disponível em: <http://www.bruno-latour.fr/sites/default/files/downloads/77-BODY-NORMATIVE-POR.pdf>. Acesso em 16 dez 2021.
- NASCIMENTO, A. **O genocídio do Negro brasileiro**. Processo de um racismo mascarado. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2019.
- ROLNIK, S. **Cartografia Sentimental**: Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina / Editora da UFRGS, 2011.

## Notas

1 A utilização do termo (trans)formação ao longo do texto diz respeito a um jogo de linguagem percorrido. Esse que entrelaça o processo de formação acadêmica ao processo de transformação subjetiva, de como os dois processos acontecem simultaneamente por atravessamentos que contemplam a multiplicidade da experiência de existir. Uma (trans)formação que diz de práticas formativas e lugares de formação, num entrelaçamento entre o cuidado de si, práticas de liberdade e uma compreensão da ética como estética da existência.

2 A agonística diz respeito ao empreendimento de um embate constante. Uma modulação de forças onde não há objetivo de vencer pois, o colocar risco um lado da força coloca em questão toda a relação. Objetiva-se do embate a manutenção do movimento de transformação a partir do próprio tensionamento.

3 Terminei de revisar esse texto em fevereiro de 2022. Acho importante situar que ainda vivemos em situação de crise sanitária, econômica e política. Fato que se agudiza no contexto da pandemia, que ainda é uma realidade.

4 Compreendendo como os agenciamentos discursivos incidem na trama subjetiva, tal que inclui a proposição deste trabalho, utilizo o recurso expressivo da licença poética para ativar a potência de criação que o processo de (re)existir impõe. Narrativa é um jogo de palavras entre narrativa, palavra, experiência e vida. Ela irrompe como forma de transmitir a força dessas palavras encarnada a minha experiência (trans)formativa. Como algo imanente, pulsante.

5 O coletivo de mães foi um espaço de trocas informais construído coletivamente por mães universitárias da Universidade Federal Fluminense em 2016. Neste espaço foram realizados encontros que reuniram mães de outras universidades privadas e públicas da região do Rio de Janeiro, com intuito de falar sobre os desafios de ser mãe e universitária. Além de um espaço de acolhimento, de consolidação de redes de cuidado, era um espaço de mobilização política por direitos. Atualmente o Coletivo está vinculado ao Núcleo Interseccional em Estudos da Maternidade.